

Brinca brincando, vai-se lendo a sério...

Maria Virgílio Cambraia Lopes*

Escolher um bom livro, concentrar-se na sua leitura, esquecendo durante algum tempo outros prazeres, é antes de mais um acto de vontade e uma opção individual. O acto de ler é exigente: requer tempo, pede disponibilidade pessoal e, exceptuando os casos da leitura em voz alta, cumpre-se geralmente sem partilhas e ao arrepio de outras solicitações menos exigentes e mais convidativas.

Trata-se de um percurso diferente do proposto pela imagem. Enquanto esta se insinua rapidamente a olhares desprevenidos, atrai os sentidos e, dirigindo-se a um colectivo, se intromete e se impõe ao observador, o conjunto de cadernos impressos que dá pelo nome de livro resiste a aproximações imediatas e vira-se para um leitor individual. Se é certo que quem é alfabetizado também tropeça a cada passo com os caracteres escritos e quase insensivelmente os vai decifrando, não deixa de ser um facto que a leitura de um volume literário impresso não é algo que se processe ao minuto, de forma instantânea. As palavras escritas e prensadas no interior de uma encadernação estão escondidas e não cativam com facilidade olhares incautos. Por muito sugestivo que seja um título, por muito apelativa que seja uma capa ou uma ilustração, isso já não constitui por si passaporte que assegure a exploração do seu conteúdo.

A leitura é um acto complexo, muito dependente da iniciativa pessoal, que – após o

esforço inerente à aprendizagem inicial – necessita de uma prática continuada para que se converta gradualmente em hábito. O problema é saber como ajudar a criança a ganhar essa tendência preciosa para dedicar alguns momentos do seu dia a dia à leitura quando tudo à sua volta rema num outro sentido e com um ritmo diferente. Como poderá a escola básica ajudar a essa aproximação?

No contexto actual de grande disseminação da imagem e das novas tecnologias, proclamar as vantagens e os prazeres da leitura não chega. Se é verdade que ler um bom livro proporciona momentos inesquecíveis, não é igualmente menos certo que enaltecer as maravilhas da obra impressa por oposição aos outros divertimentos (televisão, telemóvel, computador, *dvd*, *playstation* ou *i-pod*) procurando deste modo contrariar a tendência dominante nos jovens – a esmagadora maioria dos quais vivendo em ambientes onde o livro já não prevalece – se tem de facto mostrado muito pouco eficaz.

E, todavia, há livros muito lidos **mas à margem da escola**. Essas excepções conhecidas (*Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis*, *O Código da Vinci...*), além de outros aspectos que não cabe aqui analisar, radicam em gigantescas máquinas publicitárias (com o cinema a ter um papel não menosprezável) e em fortes pressões sociais. Ler torna-se aqui um imperativo e transforma-se quase numa necessidade para a criança e para o jovem. Em todo o caso, trata-se de leituras esporádicas que não depositam de modo geral a semente do hábito.

197

* CET, Centro de Estudos de Teatro

Um dos aspectos que me parece importante tem a ver com a relação que a escola estabelece com o livro. Não obstante as mudanças que se têm vindo a pouco e pouco a introduzir, vemos que – ao contrário do que acontece nos outros contextos onde a criança circula – o livro, na escola, continua a ser privilegiado relativamente a outros suportes e a leitura dos manuais como dever imposto é largamente preponderante. O livro surge assim associado (ao enfado da) à obrigação escolar, contrastando com o estímulo das tecnologias muito mais aliciantes, onde aliás se pode recolher muita da informação existente nos manuais escolares, tornando muitos deles por isso dispensáveis. Como sabemos, os livros informativos, de consumo rápido podem, com vantagem, ser substituídos por outros suportes, daí que dificilmente se encontrará neles o germen de um hábito duradouro de leitura.

O mesmo não acontece com as obras literárias a que a escola reserva ainda um espaço muito diminuto. Como sabemos, são textos diferentes que, pelas suas particularidades, apelam à sensibilidade da criança, enriquecem o seu imaginário, a colocam diante de olhares originais e de histórias outras. São textos insusceptíveis de um consumo instantâneo, a que a criança por si só dificilmente acede e que tem que ser a escola a promover. Se desde o Ensino Básico a criança for estimulada a percorrer universos poéticos, a saborear espaços metafóricos daí retirando prazer, mais facilmente se habituará a não prescindir deles no futuro porque vai aprendendo (ou intuindo) que a

emoção que neles colhe é diferente da proporcionada por outros entretenimentos.

Nesta perspectiva de uma maior e mais ampla dinamização do texto literário, as actividades ligadas à Expressão Dramática e ao Teatro poderão, pelas suas características e pela forte componente lúdica que as caracteriza, desempenhar um papel privilegiado na familiarização da criança com as obras literárias, contribuindo para a criação de ambientes estimulantes onde elas apareçam como instrumento valioso. Refiro-me quer à utilização do texto literário como indutor privilegiado de actividades de Expressão Dramática, quer ao texto dramático literário como eixo de projectos teatrais de maior fôlego.

Algumas questões se colocam:

- O texto literário, pelo seu grau de dificuldade, é o mais adequado a esta faixa etária?
- Será que pode ser trabalhado com alunos pertencentes a meios mais carenciados?
- Os exercícios de Expressão Dramática cumprem-se com outro tipo de indutores. Porquê este?

As actividades teatrais radicam no agir, no fazer e no exprimir. Convocam uma paleta de linguagens que torna visíveis (e audíveis) representações, emoções, sentimentos, atitudes e acções. Os corpos, a postura, a mímica, o gesto, a fala e o som em conjunto (se for caso disso) com a indumentária, o penteado e os adereços interagem no espaço de cena, materializando o abstracto, concretizando o imaginário de quem actua e fun-

cionando simultaneamente como estímulo da imaginação de quem observa.

As actividades de Expressão Dramática e Teatro proporcionam assim uma aproximação diferente da que o espaço aula (mais tradicional) propicia. Sem menosprezo pelas actividades variadas e interessantes que o conto e a poesia podem e devem continuar a motivar na sala de aula, penso que as actividades de Expressão Dramática e Teatro permitem uma apropriação diferente do texto por parte da criança que, nesta sua etapa de vida, é susceptível de ter reflexos importantes no futuro.

Em vez de inculcar às crianças, desde cedo, o dever de admirar as obras literárias, sobretudo as consagradas, trata-se de conseguir que elas estabeleçam com a literatura uma ligação afectiva e próxima. As crianças crescem a ouvir os adultos falar de grandes autores (Camões, Eça, Pessoa, Sophia de Mello Breyner... para só citar alguns) nomes que de tão repetidos rapidamente se lhes tornam tão familiares quanto... distantes do seu universo quotidiano. Como acontece com a maior parte dos adultos (e se as estatísticas não mentem) depressa os nomes se convertem em abstrações veneradas, autores míticos de obras que efectivamente não são lidas. As obras de cariz literário (contos, poemas, peças de teatro) continuam a ter o seu estatuto na escola: são matéria ensinada, vão marcando presença formal em ocasiões solenes, mas aparecem quase sempre como algo à parte, que os alunos de uma forma geral não sentem como seu, nem transportam

consigo para momentos de lazer fora do mundo escolar.

Parece-me que tão essencial como falar do escritor x ou da obra y será promover outro tipo de encontro com o autor e com a obra, ensinando a descobrir e a «promover o gosto por». Para isso, é condição necessária e primeira que o professor leia. Se o professor for um leitor, a criança vai perceber que ele lê e isso é importante.

Sendo fundamentalmente actividades que têm a criança como centro e principal sujeito, as actividades de Expressão Dramática e Teatro podem desempenhar aqui um papel precioso. Elas não visam, nesta faixa etária, a análise aprofundada da obra literária. Direcționam-se sobretudo para a expressão individual (sempre no seio de um colectivo) espoletada pelo que se leu e que toma forma e se concretiza, sem pretensões de transposições perfeccionistas ou de recriações ideais, umas e outras aliás sempre impossíveis. Não é preciso pois reectar, nem tem de haver a preocupação de tudo compreender (nem tal seria possível) nem sequer a de seguir rigidamente um suposto fio condutor do texto. A leitura é sempre um processo de apropriação: «Lemos com o que somos. Conhecimentos, percepções, rotinas, vivências, formas de ser, de estar e de sentir – tudo se vai entrecruzando e concorrendo para o modo como percebemos o que vamos lendo» (Lopes 1999: 22).

É evidente que a Expressão Dramática tem ao seu dispor outros excelentes indutores que são frequentemente utilizados, como é o caso da imagem (publicitária, fotográfica...),

da cor ou do som. Não os pondo em causa, gostaria de sublinhar a importância de, na escola básica, se incentivarem e desenvolverem de forma ampla actividades teatrais que tenham como indutor o texto literário, de forma a contribuir para que a literatura seja, para a criança, simultaneamente fonte de interesse, de diversão, de prazer e de descoberta¹.

Os contos, a poesia, o texto dramático podem ser excelentes indutores se se tirar partido das suas características. Relembro as palavras de Roberto Cotrónio ao filho pequeno no seu afectuoso romance-carta:

Não transformes a poesia mais inquieta e complicada numa mónade, numa coisa que se deve admirar pela sua inútil grandeza. Dante pode aprender-se como uma lengalenga, ouvir-se como se fosse música *reggae*, só que o ritmo é dado pelos tercetos e não pela guitarra do Bob Marley que já me pedes para ouvir².

Trata-se, pois, de capitalizar a energia inesgotável do literário que possibilita formas incessantemente renovadas. Quanto mais fascinante e complexa for uma obra do ponto de vista artístico, mais aliciante e produtivo se torna todo o processo de leitura, de descoberta e de jogo (Brook 1993). De igual modo, mais ela se abre à sugestão, sendo

simultaneamente susceptível de dialogar com o que está mais perto de nós.

É esta apropriação que tem igualmente a ver com a fantasia de quem lê, que é susceptível de ser representada no jogo teatral. As crianças dão forma ao que imaginam, tornam visível o que idealizam, transformam o texto em acção. Ao fazê-lo, interagem com ele e ligam-se-lhe afectivamente, encurtando a distância entre as palavras pretas, tão alinhadamente perfiladas nas páginas, e elas próprias. E são experiências que ficam.

Como sublinha Faure (1984), ao enquadrar teoricamente as suas propostas para o jogo dramático na escola primária, estas actividades lúdicas proporcionam também a oportunidade de socialização, já que o teatro pede o trabalho em conjunto e vive do espírito de equipa. Esta faceta é particularmente importante porque vem dar resposta ao impulso da criança para brincar com o outro e para se relacionar com o outro.

Adoptar o texto literário como motor do jogo teatral na escola, proporcionando à criança uma relação lúdica com a obra literária poderá contribuir para que brinca brincando se vá lendo a sério, na medida em que é na familiaridade com o universo poético e metafórico da escrita literária que se vai

¹ Não pretendo retomar aqui a discussão acerca das (já velhas) questões relacionadas com as virtualidades da Expressão Dramática enquanto técnica educativa, nem referir o seu potencial no desenvolvimento da sensibilidade para as práticas artísticas nem ainda debater as diferenças entre Expressão Dramática e Teatro. Ver a este respeito Pierre Leenhardt (1974), Jean-Pierre Ryngaert (1985), Giséle Barret (1986, 1990, 1991), Dominique Oberlé (1989), entre muitos outros.

² Roberto Cotrónio (1996). *Se uma Manhã de Verão uma Criança. Carta ao meu filho sobre o amor pelos livros*. Lisboa: Quetzal, p. 16.

aproximando a criança da literatura e se adentra a sua competência leitora.

Os hábitos nascem da experimentação e alimentam-se do desejo. No caso da leitura, fortalecê-lo e fazê-lo crescer implica desenvolver a inteligência, a vontade e um determinado tipo de sensibilidade.

Na sociedade actual, os gestos de agarrar no berlinde, de premir o botão da *playstation* ou do *i-pod* ou de abrir uma obra literária resultam, como disse, da vontade individual da criança. No entanto há uma diferença. Pegar num livro de autor é uma opção que decorre de um gosto que tem que ser estimulado e educado desde o Ensino Básico. Porque é a criança quem tudo acciona, porque do berlinde à fascinante *playstation* é ela o motor de todos os jogos, sendo evidentemente também ela a razão de ser de todo o nosso investimento.

201

Referências Bibliográficas

- BARRET, Gisèle (1981) *Pedagogie de l'Expression Dramatique*. Universidade de Montréal.
- BROOK, Peter (1993) *O Diabo é o Aborrecimento*. Porto: Asa
- FAURE, Gerard; LASCAR, Serge (2000) *O Jogo Dramático na Escola Primária*. Lisboa: Editorial Estampa.
- LANDIER, Jean-Claude, BARRET, Gisèle (1991). *Expression Dramatique Théâtre*. Paris: Hatier.
- LEENHARDT, Pierre (1997). *A Criança e a Expressão Dramática*. Lisboa: Editorial Estampa.
- LOPES, Maria Virgílio Cambraia (1999) *Texto e Criação Teatral na Escola*. Cadernos Pedagógicos nº 42. Porto: Asa.